

O pesquisador qualitativo e as marcas de sua subjetividade na produção do conhecimento

The qualitative researcher and the marks of his subjectivity in the production of knowledge

Aldeci Fernandes da Cunha

Como citar esse artigo. CUNHA, A. F. O pesquisador qualitativo e as marcas de sua subjetividade na produção do conhecimento. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 359-367, set./dez. 2025.



Resumo

A pesquisa qualitativa exige uma imersão profunda do pesquisador no campo investigativo. Nesse processo, o pesquisador, enquanto sujeito constituído por crenças, valores, posições políticas e ideológicas, posiciona-se — mesmo que de forma não intencional — durante a interpretação das informações construídas na pesquisa. Este estudo tem como objetivo refletir sobre como as produções subjetivas do pesquisador influenciam o processo de análise e interpretação das informações produzidas ao longo da investigação. Parte-se da compreensão de que os elementos da subjetividade, em suas dimensões individuais e sociais, estão implicados nas formas de compreender e interpretar o investigado. A discussão fundamenta-se no conceito de Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, conforme desenvolvido por González Rey (1997), que compreende o sujeito como um ser de posicionamento e produtor de sentidos. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho teórico-epistemológico, que busca problematizar o papel do pesquisador no campo da pesquisa qualitativa. A partir da Teoria da Subjetividade, o estudo revela que o sujeito-pesquisador assume um papel ativo em todas as etapas da pesquisa, desde sua organização técnica até a análise e interpretação dos dados. Conclui-se que, diferentemente da lógica positivista, o pesquisador qualitativista não se isenta do processo investigativo; ao contrário, sua implicação subjetiva influencia diretamente as leituras, os sentidos e as interpretações construídas ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Sujeito pesquisador; Produções subjetivas; Pesquisa qualitativa.

Abstract

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Qualitative research requires a deep immersion of the researcher in the investigative field. In this process, the researcher, as a subject constituted by beliefs, values, political and ideological positions, positions himself — even if unintentionally — during the interpretation of the information constructed in the research. This study aims to reflect on how the researcher's subjective productions influence the process of analysis and interpretation of the information produced throughout the investigation. It is based on the understanding that the elements of subjectivity, in their individual and social dimensions, are implied in the ways of understanding and interpreting the investigated. The discussion is based on the concept of Subjectivity in a cultural-historical perspective, as developed by González Rey (1997), which understands the subject as a being of positioning and producer of meanings. This is a qualitative research, of a theoretical-epistemological nature, which seeks to problematize the role of the researcher in the field of qualitative research. Based on the Theory of Subjectivity, the study reveals that the subject-researcher assumes an active role in all stages of the research, from its technical organization to the analysis and interpretation of the data. It is concluded that, unlike the positivist logic, the qualitative researcher is not exempt from the investigative process; on the contrary, its subjective implication directly influences the readings, meanings and interpretations constructed throughout the research.

Keywords: Researcher; Subjective productions; Qualitative research.

Afiliação dos autores:

¹Doutor em Letras. Professor do curso de Pedagogia e Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Assú, Rio Grande do Norte, Brasil.

E-mail de correspondência: fernandescunha@uern.br

Recebido em: 01/08/2025. Aceito em: 04/11/2025.

Introdução

A produção do conhecimento esteve, durante séculos, articulada a uma ciência de base positivista e cartesiana¹, na qual o pesquisador não assumia um posicionamento, ocupando constantemente um lugar de neutralidade e desconsiderando sua participação e envolvimento no processo e nos resultados da pesquisa. Essas concepções ainda persistem, sobretudo nos estudos produzidos pelas ciências exatas.

Compreendemos que o pesquisador deve assumir um compromisso ético com a pesquisa e com o conhecimento produzido, zelando pelo processo de construção e análise das informações como meio para produzir ciência. Contudo, não concebemos a pesquisa como uma ação desassociada do pesquisador, como algo externo, no qual o sujeito-pessoa — com sua trajetória formativa e experiências cotidianas — não se articula com o sujeito-pesquisador.

Essa discussão sobre o pesquisador enquanto sujeito², com suas implicações pessoais, formativas e profissionais, tem sido, nas últimas décadas, foco de debate no campo das pesquisas em ciências humanas e sociais, como tentativa de romper com modelos tradicionais de pesquisa, que tendem a produzir estudos e análises descontextualizadas das realidades sociais. A realização de uma pesquisa comprometida com a compreensão das questões sociais, culturais e históricas, enquanto elementos implicados na produção do conhecimento, demanda o reconhecimento do papel ativo do pesquisador e de sua influência em todo o processo investigativo.

Nesse sentido, este estudo parte da seguinte inquietação epistemológica: *“Como as produções subjetivas do pesquisador influenciam o processo de análise/interpretação das informações produzidas durante a pesquisa?”*. Com isso, temos como objetivo: *refletir sobre como as produções subjetivas do pesquisador influenciam o processo de análise e interpretação das informações ao longo da pesquisa*.

Para tanto, ancoramo-nos na discussão sobre produção subjetiva a partir da Teoria da Subjetividade, numa perspectiva cultural-histórica, desenvolvida por González Rey (1997), o qual define a subjetividade como:

[...] um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural e humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento. Temos definido dois momentos essenciais na constituição da subjetividade – individual e social –, os quais se pressupõem de forma recíproca ao longo do desenvolvimento. A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividades social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela. (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 36-37)

Dessa forma, os processos de significação produzidos na vida cultural e humana estão implicados na ação do pesquisador, estando presentes na dinâmica que sustenta a realização da pesquisa. Nessa direção, Cunha (2016, p. 68) afirma que:

A subjetividade, nessa concepção, é vista como uma relação do sujeito com todo o contexto em que está inserido, um ser que ontologicamente busca a natureza de sua existência e de suas relações enquanto ser ativo, deixando de ser apenas um ser biológico, social, ecológico ou de outro tipo. Ele é, com todas essas condições, um indivíduo constituído de elementos individual e social, simultaneamente.

1 Entende-se por ciência de base positivista e cartesiana um modelo científico no qual o pesquisador adota uma postura de neutralidade, isentando-se de influências subjetivas durante a realização da pesquisa e na análise dos dados.

2 Assumo o conceito de Sujeito, a partir da teoria da Subjetividade desenvolvida por Fernando González Rey (1997), como um indivíduo ativo gerador de novas configurações subjetivas. Aquele que a partir de sua posição epistemológica produz e gera novos sentidos.

A partir dessa perspectiva, a subjetividade é compreendida como uma produção humana situada nos múltiplos contextos individuais e sociais da vida. As experiências vividas e produzidas pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias influenciam suas produções subjetivas, que se fazem presentes em seus modos de pensar, agir e pesquisar.

González Rey (2010) chama a atenção para o fato de que a subjetividade está presente tanto no sujeito individual quanto em sua relação com os diversos contextos sociais nos quais atua — seja no ambiente de trabalho, no grupo de amigos ou em sua relação com o outro. Assim, para González Rey (2010, p. 24):

A subjetividade está constituída tanto no sujeito individual, como nos diferentes espaços sociais em que vive, sendo ambos constituintes da subjetividade. O caráter relacional e institucional da vida humana implica a configuração subjetiva não apenas do sujeito e de seus diversos momentos interativos, mas também dos espaços sociais em que essas relações são produzidas. Os diferentes espaços de uma sociedade concreta estão estreitamente relacionados entre si em suas implicações subjetivas[...].

Nessa perspectiva, compreendemos, a partir de González Rey, a importância da subjetividade social na constituição da subjetividade individual do sujeito. Entendemos, assim, que a subjetividade do sujeito influencia toda a sua relação social, nos diversos espaços em que vivencia experiências — no caso em questão, especialmente no desenvolvimento da pesquisa, com seus modos de vida e seus posicionamentos teóricos, metodológicos, políticos e epistemológicos.

As reflexões teóricas realizadas neste trabalho não têm a intenção de estabelecer marcos conceituais definitivos sobre o papel do pesquisador, mas de refletir sobre o sujeito-pesquisador como alguém capaz de produzir conhecimento a partir de seus processos subjetivos, articulando-os à sua condição de sujeito epistemológico, ativo e criativo.

A noção de sujeito epistemológico adotada neste estudo refere-se àquele que é capaz de gerar novas ideias, refletir criticamente e criar teorias com base nas experiências vividas. Como afirmam González Rey e Mitjans Martínez (2017, p. 73): “[...] representa a capacidade de posicionamento de indivíduos e grupos, cujos limites estão na própria produção simbólica da cultura e nos recursos subjetivos para assumir os desafios dos espaços existenciais da experiência [...]”.

A metodologia adotada neste estudo é de abordagem qualitativa, por entendermos que a discussão se constrói a partir da perspectiva teórica da subjetividade, investigando como as produções subjetivas do pesquisador influenciam todo o percurso e dinâmica da pesquisa.

A pesquisa qualitativa, adotada neste estudo, é compreendida também como um instrumento metodológico que pressupõe a participação ativa e criativa do pesquisador — tanto na construção dos instrumentos de coleta quanto no processo de análise e interpretação das informações.

Em González Rey (2002), a abordagem qualitativa é caracterizada por seu caráter comunicacional, empírico, teórico e construtivo-interpretativo, o que mobiliza o sujeito pesquisador a se envolver e a participar ativamente de todo o processo investigativo.

Assim, este estudo está permeado por uma reflexão teórica, epistemológica e, ao mesmo tempo, metodológica, tendo em vista que a compreensão do pesquisador como sujeito ativo também implica uma tomada de posição metodológica. Além desta primeira parte introdutória, intitulada “*Para começar*”, compõem este trabalho os seguintes tópicos: (i) *O pesquisador como sujeito de produções subjetivas*; (ii) *O pesquisador e seu papel ativo no processo de análise/interpretação das informações na pesquisa*; as nossas considerações que chamamos de (iii) *O que fica (por enquanto)*; e (v) *Referências bibliográficas*.

A proposta deste trabalho é contribuir para uma discussão que permita compreender a importância do sujeito-pesquisador como sujeito ativo e criativo, com posicionamentos políticos, teóricos e metodológicos

sobre o investigado, sendo parte integrante do processo de construção, análise e interpretação das informações produzidas ao longo da pesquisa.

O pesquisador como sujeito de produções subjetivas

O desenvolvimento de uma pesquisa que considera e compreende o pesquisador como sujeito implicado no processo investigativo remete à ideia de um estudo fundamentado em uma abordagem teórica e metodológica que reconhece que as produções subjetivas dos sujeitos se fazem presentes ao longo de toda a pesquisa. Não se trata, portanto, de qualquer tipo de investigação, nem de qualquer inquietação que mobiliza o pesquisador, mas sim de uma pesquisa em que o sujeito-pesquisador é parte constitutiva da própria dinâmica investigativa.

É na abordagem qualitativa que o pesquisador assume, com maior evidência, o status de sujeito — uma categoria que implica posicionamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos no delineamento da pesquisa. É importante destacar que não estamos propondo que apenas nas pesquisas qualitativas o pesquisador exerça esse papel ativo; no entanto, é nessa abordagem que ele se insere de forma integral no processo investigativo, levando consigo seus medos, expectativas, trajetórias formativas, experiências cotidianas, saberes empíricos e subjetividades. Todo esse emaranhado de vivências está implicado nas escolhas teóricas e metodológicas e nos posicionamentos assumidos ao longo da investigação.

Nessa perspectiva, González (2020, p. 160) afirma que, nas abordagens qualitativas, o pesquisador “[...] é assumido como sujeito que pensa, percebe, sente, expressa interesse pelo assunto que deseja pesquisar [...]”. Participa, assim, da pesquisa de forma direta, levando consigo suas experiências, valores, crenças, saberes epistemológicos e toda a sua produção social, cultural e histórica construída em diferentes contextos.

A categoria de sujeito, conforme evidenciado nos estudos de Araújo, Oliveira e Rossato (2017), tem assumido novas compreensões ao longo do tempo, contribuindo para formas distintas de construção do conhecimento, que não se baseiam mais em uma ciência normativa e procedimental. A concepção de sujeito-pesquisador adotada neste estudo ultrapassa a ideia de um especialista ou técnico que apenas organiza instrumentos de “coleta de dados” e analisa resultados de forma distanciada da realidade. O sujeito-pesquisador é aquele que vivencia a pesquisa, participando ativamente de todo o seu processo de desenvolvimento. Ainda que o pesquisador e a pesquisa possuam sentidos distintos, estão ontologicamente indissociáveis.

Mitjans Martínez (2014, p. 65) compreende o sujeito como ser “[...] ativo no processo dialógico [...]”, reforçando essa concepção. Já González (2020), ao discutir a indissociabilidade entre sujeito-pesquisador e pesquisa, afirma que não se trata de uma dualidade, mas de uma unidade indivisível: não há momento em que o pesquisador esteja separado do contexto da investigação, estando imerso, em todos os momentos, nos acontecimentos que compõem o processo investigativo.

Compreendemos, portanto, que o pesquisador carrega elementos produzidos em sua subjetividade — elementos que são, ao mesmo tempo, singulares e sociais. Suas produções subjetivas resultam da articulação entre o vivido individualmente e o construído coletivamente. Assim, o sujeito é simultaneamente constituído por dimensões individuais e sociais.

González Rey (2005, apud Ferreira Barros, 2011, p. 125) contribui com essa compreensão ao afirmar:

O sujeito é sujeito do pensamento, mas não de um pensamento compreendido de forma exclusiva em sua condição cognitiva, e sim de um pensamento entendido como processo de sentido, ou seja, que atua somente por meio de situações e conteúdos que implicam a emoção do sujeito [...].

A proposta de González Rey é a de um sujeito que pensa a partir dos sentidos e significados construídos por meio da emoção, da experiência e da implicação com o contexto social e cultural em que vive. Esse sujeito de pensamento é compreendido a partir de uma psicologia que não se reduz ao aspecto cognitivo, mas que integra emocionalidade, cultura e história.

Ainda em González Rey (2010), o sujeito está inserindo constantemente, em contextos da subjetividade social, e a condição de sujeito que ele assume, atualiza-se permanentemente a partir das situações e experiências vivenciadas com o outro nos seus diversos espaços.

Nessa mesma direção, Silva e Capelle (2013) afirmam que é por meio do pensamento e da produção de novas ideias que o sujeito rompe com discursos dominantes e constrói novos sentidos subjetivos. A partir da Teoria da Subjetividade, compartilham da perspectiva de González Rey, que rompe com uma visão de subjetividade como fenômeno intrapsíquico, compreendendo-a como produto da articulação entre o individual e o social.

Para esses autores, a subjetividade é um sistema complexo, composto por produções individuais e sociais dos sujeitos, cujo foco está na geração de sentidos subjetivos, configurados ao longo dos processos de subjetivação vivenciados. Como já apontamos anteriormente, o sujeito não é apenas um ser individual; ele é, ao mesmo tempo, um ser social. Essas dimensões são indissociáveis, ainda que mantenham características próprias.

As produções subjetivas dos sujeitos manifestam-se como unidades de sentido que emergem da articulação entre a subjetividade individual e social. Essas produções se expressam indiretamente, em pequenos gestos, palavras, escolhas e posturas durante a pesquisa, o que revela a necessidade de um pesquisador ativo e criativo para captar tais nuances no processo de construção e interpretação das informações.

A subjetividade, nesse sentido, é dinâmica e se transforma a cada nova experiência vivida. Cunha (2016) afirma que a subjetividade social está relacionada à influência do outro no processo de formação do sujeito. Isso implica reconhecer que, ao interpretar/analisar as informações produzidas na pesquisa, o pesquisador é também influenciado pelo contexto e pelos participantes envolvidos.

Para González Rey (2010, p. 24):

[...] a subjetividade social apresenta-se nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos etc., e está atravessada pelos discursos e produções de sentidos que configuram sua organização subjetiva.

Entendemos, com isso, que a subjetividade social é constituída por valores culturais, morais, éticos, entre outros, e que o sujeito vai se construindo a partir dos elementos presentes em seu contexto sociocultural. Já a subjetividade individual manifesta-se como resultado dessa subjetividade social, e é constituída por histórias de vida, culturas, valores, crenças e concepções pessoais.

González Rey (2011, p. 37) reforça:

[...] A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividades social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela.

Desse modo, compreendemos que os sujeitos se constituem continuamente por meio de sentidos subjetivos construídos nas relações com os outros em diferentes contextos sociais e históricos.

Araújo, Oliveira e Rossato (2017), em seu estudo sobre o sujeito na pesquisa qualitativa, apresentam alguns desafios enfrentados por abordagens que tomam o sujeito como centro da investigação. Esses desafios incluem: i) O desenvolvimento do sujeito como fenômeno em constante transformação, propondo uma nova forma de compreender a produção do conhecimento, rompendo com modelos tradicionais de ciência; ii) A complexidade que a investigação assume ao tomar como objeto categorias psicológicas integradoras, exigindo do pesquisador um papel ativo, dinâmico e criativo; iii) A prática de pesquisa como processo de desenvolvimento microgenético, que se configura como um ato de comunicação e interação dialógica; iv) O reconhecimento do pesquisador como parte da realidade investigada e como sujeito em desenvolvimento, abandonando a ideia de neutralidade e assumindo papel ativo; v) A necessidade de articulação entre teoria e metodologia, entendidas como dimensões inseparáveis do processo investigativo.

Dessa forma, compreendemos que o sujeito-pesquisador, com suas produções subjetivas, é parte ativa e constitutiva de todo o processo de realização da pesquisa e de produção do conhecimento. Nessa perspectiva, o pesquisador forma-se e (auto)forma-se, como afirma Villegas (2011), sendo por meio dos processos subjetivos, das posições epistemológicas e dos valores individuais que o sujeito constrói o conhecimento.

Ao assumir sua condição de sujeito, o pesquisador torna-se participante direto da investigação, levando consigo suas crenças, valores e posicionamentos político-teóricos e epistemológicos, que influenciam diretamente na produção e na geração de novos sentidos subjetivos.

O pesquisador e seu papel ativo no processo de análise/interpretação das informações na pesquisa

As reflexões tecidas na seção anterior evidenciam a importância de uma abordagem investigativa que compreenda o desenvolvimento humano a partir do sujeito em sua singularidade, particularidade e individualidade — sempre em articulação com sua dimensão social — como caminho para novas formas de produção do conhecimento científico.

Nesse sentido, destaca-se a construção identitária do pesquisador, que assume na pesquisa a posição de sujeito. Esse sujeito não é um mero aplicador de instrumentos, mas alguém que vivencia intensamente o processo investigativo, influenciando e sendo influenciado pelas experiências que o constituem. Assim, o pesquisador se configura como sujeito que se constitui e é constituído pelos acontecimentos vividos na pesquisa, numa relação marcada também por sua própria história de vida e formação.

Para González (2020, p. 160), ao discutir o papel do pesquisador em abordagens qualitativas, "o pesquisador [...] tem um lugar privilegiado desde o qual ele pode exercitar a sua subjetividade a plenitude [...]". Nesse contexto, rompe-se com a noção de neutralidade científica: o pesquisador é convidado a reconhecer e assumir seus posicionamentos a partir de seus processos de experiência, vivências formativas e produções subjetivas construídas em sua articulação individual e social.

A participação ativa do pesquisador no vivido da pesquisa contribui para a construção de sua identidade e de seu pertencimento ao grupo e aos acontecimentos investigados. É a partir dessa posição subjetiva que se constroem técnicas e instrumentos capazes de revelar dimensões não perceptíveis diretamente, mas que se manifestam por meio de um olhar reflexivo e criativo.

Nessa perspectiva, conforme González (2020), o pesquisador torna-se o principal instrumento na produção do conhecimento, pois é por meio de suas produções subjetivas que se tornam possíveis compreensões mais profundas e articuladas entre os fenômenos investigados e os cotidianos vividos. O autor chama esse pesquisador de "dispositivo", ou seja, um sujeito "[...] disposto para gerar conhecimentos, desenvolvendo pesquisa sobre algum assunto de seu interesse [...]" (González, 2020, p. 160-162). O pesquisador, enquanto dispositivo, é criativo, ativo e produtor de novas configurações subjetivas, indo além do que é observado de forma imediata, atribuindo novos sentidos e significados à

realidade investigada.

Compreendemos, portanto, que o papel ativo do pesquisador na construção e análise das informações emerge de seu lugar assumido na pesquisa. Esse lugar delinea seu pertencimento e sustenta suas tomadas de posição ao longo de todo o processo investigativo.

Nos estudos de González (2020), identifica-se que o sujeito pesquisador ocupa um lugar epistemológico na pesquisa, determinado por sua trajetória de vida, formação pessoal e profissional, bem como pelas experiências e vivências que marcam sua constituição como sujeito. Esse lugar se expressa em duas dimensões: a de caráter situacional, relacionada ao contexto de vida do pesquisador, com seus valores, crenças e experiências; e a de caráter idiossincrático, que se refere às habilidades e competências do sujeito na construção e interpretação das informações.

Esse lugar epistemológico, portanto, está diretamente vinculado ao processo de análise das informações. O pesquisador, ao assumir uma postura ativa, cria instrumentos e técnicas que favorecem a identificação de indicadores subjetivos nos participantes. Esses instrumentos, ainda que partam de modelos previamente existentes, são recriados a partir do contexto da pesquisa, sendo moldados pelos acontecimentos e pelas relações vividas no percurso investigativo.

Em pesquisas realizadas por Villegas e González Rey (2011), observa-se a relevância de estudos que partem da subjetividade individual como via de acesso à compreensão da subjetividade social. Essas dimensões da vida individual e coletiva influenciam diretamente o processo de análise e interpretação das informações construídas na pesquisa.

Desse modo, a análise carrega em si as marcas subjetivas do pesquisador, configurando-o como sujeito epistemológico comprometido com o processo investigativo. González Rey (2020) propõe a noção de compromisso cognitivo do pesquisador, composta por três dimensões: o *epistemológico*, que diz respeito à forma como o pesquisador compreende o mundo, assumindo-se como sujeito pensante; o *teleológico*, que se refere à intencionalidade do pesquisador em relação à pesquisa e aos sentidos que constrói; e o *ontológico*, relacionado à forma como compreende a realidade vivida, tanto por si quanto pelos demais participantes, com suas inquietações e questionamentos.

Assim, o pesquisador é, a todo momento, sujeito ativo na pesquisa. Por meio de sua criatividade e sensibilidade, constrói os caminhos para a produção do conhecimento, a partir de sua inserção histórica, social, cultural e subjetiva. É, portanto, um sujeito em constante processo de transformação, marcado por sua trajetória formativa e por sua capacidade de produzir sentidos singulares sobre o vivido na e pela pesquisa.

Considerações Finais

A discussão apresentada neste trabalho teve como propósito refletir sobre a importância do pesquisador enquanto sujeito ativo no processo de realização de pesquisas qualitativas, considerando uma abordagem que compreende o sujeito como carregado de elementos subjetivos constitutivos da pessoa humana.

Partindo da inquietação “Como as produções subjetivas do pesquisador influenciam o processo de análise e interpretação das informações produzidas durante a pesquisa?”, buscamos contribuir para o debate no campo das ciências humanas e sociais — e, de forma provocativa, também nas ciências exatas — ao questionar a ideia de neutralidade³ do pesquisador. Entendemos que o sujeito, por meio de suas impressões, vivências culturais, sociais e históricas, está direta ou indiretamente implicado nos modos como analisa e interpreta as informações que emergem ao longo do processo investigativo.

A questão central do estudo nos conduziu à compreensão de que a produção do conhecimento não pode estar dissociada da presença ativa do pesquisador. Trata-se de inserir o sujeito da pesquisa — tanto

3 Assumimos aqui como uma concepção de pesquisa em que o pesquisador assume uma posição imparcial no processo de análise dos dados, desconsiderando a sua trajetória, experiência e relações sociais e culturais.

quem investiga quanto quem é investigado — no centro do processo de construção de sentido, rompendo com abordagens objetivistas que o excluem como produtor de conhecimento.

A perspectiva teórica adotada, fundamentada na Teoria da Subjetividade de González Rey, permitiu compreender o pesquisador como um sujeito constituído por processos subjetivos singulares e sociais, que se manifestam e se renovam ao longo de sua trajetória. As produções subjetivas, enquanto expressão de sua historicidade e de suas experiências, marcam profundamente sua atuação, inclusive nas escolhas teóricas, metodológicas e interpretativas.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho — refletir como as produções subjetivas do pesquisador influenciam o processo de análise/interpretação das informações — possibilitou evidenciar que o pesquisador está imerso na pesquisa de maneira integral, não apenas como organizador técnico, mas como sujeito situado, atravessado por valores, crenças e concepções formativas.

As reflexões apresentadas nos instigam a reconhecer os lugares de fala dos sujeitos-pesquisadores, suas experiências formativas e profissionais, bem como as marcas dos contextos sociais e culturais nos quais estão inseridos. Ao valorizar a pessoa do pesquisador, enquanto sujeito constituído por múltiplas subjetividades, reafirmamos que ele não se descola do que acontece no percurso investigativo. Sua individualidade, embora singular, está entrelaçada ao social, e essa tensão se expressa em cada gesto analítico, em cada decisão interpretativa, revelando o pesquisador como sujeito histórico, cultural e profundamente implicado nos sentidos que constrói.

Referências

ARAÚJO, C. M. de; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S.; ROSSATO, M. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/19506>. Acesso em 19 jul.2025.

CUNHA, Aldeci Fernandes da. **A expressão criativa no ensino da língua brasileira de sinais como parte do atendimento educacional especializado**: uma possibilidade na inclusão de alunos surdos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Pau dos Ferros/RN/Brasil, 2016.

FERREIRA BARROS, C. **Subjetividade nas pesquisas: algumas contribuições a partir da perspectiva da subjetividade**. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. 2011. Disponível em: <https://www.academica.org/000-052/27>. Acesso em 26 jul.2025.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.8, n.17, p. 155-183, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322>. Acesso em 30 jul. 2025.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis & MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997

MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. Um dos desafios da Epistemologia qualitativa: a criatividade do pesquisador.

MITJÁNS MARTINEZ, Albertina., NEUBEN, Maurício. & MORI, Valéria D. **Subjetividade contemporânea**: discussões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

SILVA, K. A. T., CAPPELLE, M. C. A. A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico-Metodológica nos Estudos de Administração. **IV Encontro do Ensino e Pesquisa na Administração e Contabilidade**. Brasília, DF – 3 a 5 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ67.pdf>. Acesso em 30 jul.2025.

VILLEGAS, Margarita; GONZÁLEZ, Fredy. La investigación cualitativa de la vida cotidiana. Medio para la construcción de conocimiento sobre lo social a partir de lo individual. *Psicoperspectivas. Individuo y Sociedad*. Chile. Vol. 10, (2), 2011 (35-59). 2011. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/147>. Acesso em: 31 jul.2025.

VILLEGAS, Margarita. La construcción del conocimiento a partir de uno: Una experiencia autobiográfica. **Revista de Educación de Puerto Rico (REduca)**, v. 44, n. 1, p. 95-111,2011. Disponível em: <https://revistas.upr.edu/index.php/educacion/article/view/16561>. Acesso em: 29 jul.2025.